

Clarice Andrade de Melo Souza

**O COTIDIANO DAS FAMÍLIAS PERTENCENTES A COMUNIDADE
REMANESCENTE DE QUILOMBO QUE ADEREM AS
DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS**

**Recife
2020**

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências do Consumo
Curso de Bacharelado em Economia Doméstica

**O COTIDIANO DAS FAMÍLIAS PERTENCENTES A COMUNIDADE
REMANESCENTE DE QUILOMBO QUE ADEREM AS
DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS**

Monografia apresentada como exigência à
obtenção do Grau de Bacharel em Economia
Doméstica.

Linha de pesquisa: religião; identidade; desenvolvimento humano;

Orientador(a): Prof.(a) Michelle Cristina Rufino Maciel

Recife
2020

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências do Consumo
Curso de Bacharelado em Economia Doméstica

**O COTIDIANO DAS FAMÍLIAS PERTENCENTES A COMUNIDADE
REMANESCENTE DE QUILOMBO QUE ADEREM AS
DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS**

Clarice Andrade de Melo Souza.

Monografia julgada adequada para
obtenção do Grau de Bacharel em
Economia Doméstica e aprovada por
unanimidade em xx/xx/xxxx pela Banca
Examinadora.

Orientador/a:

Ms. Prof^a Michelle Cristina Rufino Maciel
Departamento de Ciências do Consumo - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Dayse Amâncio dos Santos Veras Freitas
Departamento de Ciências do Consumo - UFRPE

Ms. Prof^a. Juliana Cristina das Chagas de Melo
Departamento de Ciências do Consumo - UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S729c Souza, Clarice
O cotidiano das famílias pertencentes a comunidade remanescente de quilombo que aderem as denominações pentecostais / Clarice Souza. - 2021.
57 f.
- Orientador: Michelle Cistina Rufino Maciel.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Economia Doméstica, Recife, 2021.
1. religião. 2. identidade. 3. desenvolvimento humano. I. Maciel, Michelle Cistina Rufino, orient. II. Título

CDD 640

Dedico este trabalho a todos que apoiaram minha
escolha e sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre estar ao meu lado em todas as minhas decisões e sempre mostrando caminhos para sair das dificuldades.

A minha família por todo incentivo, ajuda e compreensão durante estes anos de graduação.

A minha orientadora Ms. Prof^a Michelle Cristina Rufino Maciel que desde o primeiro contato, sempre se mostrou solícita.

Aos integrantes do Projeto SISAN UNIVERSIDADES (UFRPE), que me receberam de braços abertos, para participar de um projeto importante como o que está sendo executado e já estava em andamento.

As colegas de turma por sempre estarem incentivando nos momentos que tive dúvidas em continuar no curso, com ajuda na hora dos estudos, dos trabalhos e até na hora da renovação da matrícula.

“Mesmo diante de tal abismo social, há no país uma busca incansável pelo sagrado. O povo brasileiro é místico por natureza. As lutas pela sobrevivência são vencidas pela força nas crenças desse povo, que não se envergonha de crer e ter fé. Uma confiança que caracteriza a resistência demonstrada na própria história do Brasil. Afinal, sem essa fé seria impossível passar pelas dores causadas pela exclusão social ou pelas dificuldades cotidianas e ainda manter-se erguido em todos os aspectos da vida.”

(Marco Davi de Oliveira)

RESUMO

O presente estudo é resultado do Estágio Obrigatório Supervisionado (ESO) vinculado ao projeto SISAN Universidades UFRPE – UFPB – UFRN. Durante a realização do estágio houve a possibilidade de uma aproximação com as comunidades quilombolas no estado de Pernambuco. Momento em que foi possível observar a presença de denominações pentecostais nas mesmas, como também observar a adesão de várias famílias a essas denominações. Essas situações contribuíram para o despertar do problema de pesquisa: o que leva as famílias de comunidade remanescente de quilombo da Mata Sul de Pernambuco a optar pela religião pentecostal? Tem-se como objetivo geral analisar as implicações do pentecostalismo na dinâmica cotidiana das famílias remanescentes de quilombos de um município da Mata Sul do estado de Pernambuco. Os objetivos específicos buscaram traçar perfil socioeconômico das famílias, identificar as expressões religiosas na comunidade e fazer uma análise dos motivos que levam estas famílias a se vincularem as religiões pentecostais. Nesse sentido, para tal, foi utilizada metodologia qualitativa, com realização de entrevistas nas comunidades de remanescentes de quilombo da Mata Sul do estado de Pernambuco, levantamento de dados, pesquisa bibliográfica e observação *in loco*. Constatou-se ao fim da pesquisa a existência de mais de uma denominação pentecostal na comunidade, além disso, que os integrantes da mesma, adotaram essas denominações como forma de expressar sua religiosidade e que esta adesão tem implicações em seu cotidiano.

Palavras chave: Religião; Identidade; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

This study is the result of the Supervised Mandatory Internship (ESO) linked to the SISAN project Universities UFRPE - UFPB - UFRN. During the internship, it was possible to approach the quilombola communities in the state of Pernambuco. It was possible to observe the presence of Pentecostal denominations in them, as well as the adhesion of several families to these denominations. These situations contributed to the awakening of the research problem: what leads the families of the remaining quilombo community of the Southern Forest of Pernambuco to choose the Pentecostal religion? The general objective is to analyze the implications of Pentecostalism in the daily dynamics of the remaining quilombo families in a municipality of Mata Sul in the state of Pernambuco. The specific objectives were to trace the socio-economic profile of the families, to identify religious expressions in the community, and to make an analysis of the reasons that lead these families to link themselves to Pentecostal religions. For this purpose, qualitative methodology was used, with interviews in the communities of quilombo remnants of the Southern forest of the state of Pernambuco, data collection, bibliographic research, and on-site observation. At the end of the research, it was verified the existence of more than one Pentecostal denomination in the community, besides, that the members of the community adopted these denominations as a way to express their religiosity and that this adhesion has implications in their daily lives.

Keywords: Religion; Identity; Human Development.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Perfil Socioeconômica das famílias entrevistadas..... | 32 |
|--|----|

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AGEITEC – Agência Embrapa de Informação Tecnológica

ESO – Estágio Supervisionado Obrigatório

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial

SISAN – Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2. OBJETIVOS..... | 15 |
| 2.1 Objetivo Geral..... | 15 |
| 2.2 Objetivos Específicos..... | 15 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 16 |
| 3.1. Religiões no Mundo..... | 16 |
| 3.2. Pensando a religião e religiosidade no Brasil..... | 17 |
| 3.3. Outras expressões religiosas no Brasil: as religiões de matriz africana. | 18 |
| 3.4.Pensando no fenômeno pentecostal no Brasil..... | 19 |
| 3.5.Observações sobre a noção de identidade das comunidades remanescentes de quilombo | 22 |
| 3.6 Breve reflexão sobre identidade religiosa..... | 24 |
| 4. METODOLOGIA..... | 27 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 30 |
| 5.1 A realidade vista de perto: a experiência na comunidade remanescente de quilombo..... | 30 |
| 5.2 Situando o perfil socioeconômico das famílias entrevistadas da comunidade remanescente de quilombo..... | 31 |
| 5.3 As expressões religiosas na comunidade remanescente de quilombo..... | 34 |
| 5.4 Cotidiano e religião na comunidade remanescente de quilombo..... | 37 |
| 5.5 A igreja e suas influências no cotidiano das famílias remanescentes de quilombo..... | 39 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 46 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |
| APÊNDICES..... | 51 |
| Anexo | 52 |
| Anexo 1 | 52 |
| Anexo 2 | 53 |

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO realizado no período de abril até junho de 2019. O referido estágio possibilitou aproximações com a temática da Soberania e Segurança Alimentar ao longo da execução da segunda fase (2018-2019) do projeto SISAN Universidades – UFRPE- UFPB- UFRN.

O projeto SISAN apresentou como objetivo o fortalecimento do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, sendo executado nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, mediante a parceria estabelecida entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Universidade Federal da Paraíba - UFPB e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No processo de ampliação das metas do projeto (2018-2020), o estado de Pernambuco, formalizou a possibilidade de realizar um diagnóstico sobre a situação de Segurança Alimentar e Nutricional nas comunidades quilombolas.

O trabalho de cooperação na equipe do projeto SISAN Universidades – UFRPE – UFPB – UFRN se deu mediante a participação nas reuniões da equipe estadual de PE, para planejamento e execução das ações do projeto no referido estado. Ao longo das atividades do estágio, foi realizado um levantamento/identificação das comunidades quilombolas do estado de Pernambuco (mediante dados secundários). Esse levantamento de informações contou com a colaboração do governo do estado (Secretaria de Desenvolvimento Agrário), Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional e com a representação da Federação dos Quilombos do Estado de Pernambuco. Esses momentos de diálogos com os diferentes atores sociais (governo e sociedade civil) viabilizou a construção do projeto de pesquisa (previsto pelo projeto SISAN universidades) intitulado: *Diagnóstico de Segurança Alimentar nas Comunidades Quilombolas do estado de Pernambuco*, o qual foi à motivação inicial para realização do presente estudo. Outrossim, refere-se as visitas às comunidades remanescentes durante o estágio no projeto, ocasiões estas que foram fundamentais para provocar as primeiras inquietações da presente pesquisa, haja vista a presença marcante da religião pentecostal, num espaço que se espera e/ou se esperava identificar uma predominância das religiões de matriz africana, o que por sua vez, materializaria as manifestações religiosas de um povo e sua cultura.

Frente a essa realidade, é importante destacar que até os anos 1930, as religiões negras poderiam ser incluídas na categoria das religiões étnicas ou de preservação de patrimônios culturais dos antigos escravos negros e seus descendentes, enfim, religiões que mantinham vivas tradições de origem africana conforme afirma Prandi (1998).

As considerações de Prandi (1998) sobre a percepção da religião de matriz africana, como elemento importante de preservação do patrimônio cultural das comunidades remanescentes de quilombo, remetem as percepções do senso comum¹. A religiosidade ligada ao culto de matriz africana, como preservação de seus costumes e tradições, hoje não cabe como determinação da continuação dos costumes dos antepassados, cabendo destacar outras formas de se manter um elo com o passado histórico e os novos costumes trazidos pela presença do pentecostalismo nessas comunidades enquanto fenômeno que vem ganhando força nos últimos anos.

Oliveira (2015 p. 18) traz dados importantes dos últimos censos brasileiros quando aponta: conforme “o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil passou de 11.951.347 (Censo 2000) para 22.785.426 (Censo 2010) de negros/as evangélicos/as. Desses/as 14.545.768 são pentecostais enquanto a população negra de umbandistas e candomblecistas têm um total de 297.988 pessoas”.

Diante o exposto surge o problema de pesquisa: *O que leva as famílias de comunidade remanescente de quilombo de um município da Mata Sul de PE a optar pela religião pentecostal?* Esse questionamento surge no processo de execução das atividades e visitas do Projeto SISEM Universidades em comunidades quilombolas na Região Metropolitana, Agreste meridional e Mata Sul. Nesse processo de imersão nas atividades do citado projeto, foi observado um expressivo quantitativo de famílias vinculadas as denominações pentecostais, sobretudo no que diz respeito às expressões presentes nas falas, comportamentos, vestuário entre outras questões características de padrões orientados pelas religiões pentecostais.

Enquanto graduanda do curso de Bacharelado em Economia Doméstica inquietou-me a necessidade de problematizar a realidade vivenciada pelas famílias quilombolas, a fim de identificar as possibilidades de atuação enquanto profissional

¹ Representação dos escravos e seus costumes trazidos da África representados em livros de história, obras literárias e da teledramaturgia.

de Economia Doméstica, sobretudo no campo do desenvolvimento humano, num contexto em que as expressões religiosas podem definir aspectos da dinâmica cotidiana das famílias.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar as implicações do pentecostalismo na dinâmica cotidiana das famílias remanescentes de quilombos de um município da Mata Sul do estado de PE.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traçar o perfil socioeconômico das famílias remanescentes de quilombos;
- Identificar as expressões religiosas na comunidade;
- Analisar motivos que levam as famílias remanescentes de quilombos a se vincular a religião pentecostal.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A religião e seus aspectos históricos

Nesse processo de questionamentos relacionados a relação indivíduo e existência, a concepção religião ganha importância e toma força, nasce num fato, coisa ou gesto, que os homens e as mulheres materializam como ser religioso/a. Nesse sentido, a religião nasce com o poder que os homens e as mulheres têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre importância dessas para sua vida e a morte. E com isso a religião passa a compor com seus símbolos uma fonte inesgotável de sentimentos em que se ela não existisse o mundo o qual vivemos seria frio e escuro (ALVES, 1995).

Quando se argumenta sobre as religiões (a elas ou as suas crenças), historicamente passam pela ideia entre o sagrado e o profano. Como dito anteriormente, quando os homens passam a nomear os seres, surge a ideia de hierofania o qual acompanha as religiões ao longo do tempo, exemplo disso é a crença em objetos inanimados (pedra, galho de árvores), que esses por sua vez, se tornam sagrados. Ainda procurando compreender o surgimento da religiosidade, esta surge na separação de ambos, onde o profano está ligado aos assuntos corriqueiros da vida cotidiana, do que é tangível, mensurável e quando fala-se do sagrado, remete-se a um universo onde não consegue-se ver, nem identifica-se o porquê das coisas, busca-se explicações das diferentes formas e não encontra-se. Logo, entende-se que se os indivíduos não conseguem explicar, só a fé consegue. Assim, os acontecimentos passam a fazer sentido apoiados no invisível e que existe no mundo algo que os explique (ALVES, 1995 e ELIADE, 2010).

Ainda segundo Alves (1995) a religião cuida das realidades espirituais, do que não se pode explicar ou onde se busca alento para algum sofrimento, ou seja, quando a realidade material “o dinheiro” não resolve os demais problemas. Apesar do que é descrito por ele, a religião representa o passado e as tradições de um povo em uma determinada época.

O aspecto religioso está ligado intrinsecamente com a vida social e política, sem nenhuma distinção entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O mundo globalizado que se modifica de forma tão rápida, a fé e a religiosidade precisam ser sólidas, pois o tempo todo, as sociedades são influenciadas por várias culturas e

aspectos de outras e com isso o mundo se torna multicultural afetando assim a forma da religiosidade de um povo (GAARDER et al., 2000).

Na tentativa de explicar os resultados e desdobramentos da religião nos dias atuais fez-se necessário compreender seus aspectos históricos. Nesse sentido, Eliade e Couliano (2003), apontam que a religião surge já na pré-história onde as pessoas eram sepultadas de uma determinada forma, fazendo crê que esses povos já tinham a crença na vida após a morte ou em algo parecido e através do tempo, passando pelos períodos pré-históricos todos foram marcados pela a crença em algo.

Outras contribuições teóricas tentam explicar o surgimento da religião e sua evolução, como do antropólogo Tylor que fala do animismo em que afirma que o conhecimento religioso caminha junto com ao avanço geral da humanidade, isso levando em consideração os aspectos tecnológicos e culturais de cada época, ou seja, do politeísmo (crença em vários deuses) ao monoteísmo (crença em único Deus) (GAARDER et al., 2000).

Na teoria reducionista a religião é reduzida em um único aspecto, seja ele social ou psicológico. Baseando-se na fala do teórico Marx, a religião sofre influência dos meios de produção da época em que ela esteja inserida e assim como a arte, a ideia e a moral, só são a parte de cima do que realmente existe na sociedade. Portanto, essa sociedade baseia-se no poder econômico, sendo assim a religião reflete as condições básicas desta como um todo (GAARDER et al., 2000).

Contudo, a religiosidade humana traz consigo elementos que tentam explicar a existência subjetiva, sobretudo situações de sofrimentos, angustias e descontentamentos. Também é atrelada a religiosidade a possibilidade de aliviar dores, desconfortos, além construir processos que desencadeia esperança em momentos prósperos.

3.2 Pensando a religião e religiosidade no Brasil

No Brasil a religiosidade é marcada pela influência da religião trazida por nossos colonizadores. Desde a sua descoberta, o Brasil é reconhecido oficialmente por ser um país católico e essa condição perdura por quatro séculos iniciais de nossa história, tendo como personagem importante na disseminação as missões jesuítas. Entretanto, nega-se, as expressões religiosas vivenciadas pelas comunidades indígenas, já presentes no cenário brasileiro (GAARDER et al., 2000).

Antes do descobrimento, o papado tinha concebido a Portugal o direito de padroado que consistia o poder de Portugal as igrejas instaladas em terras conquistadas pelos mesmos, com isso a conversão de povos em terras conquistadas é atribuída a dominação colonial (GAARDER et al., 2000).

Com o processo de mestiçagem que se formou no período colonial, as práticas religiosas se fundiram entre os elementos católicos, negros e indígenas, criando-se uma religiosidade sem igual e original, mesmo assim, a Igreja tentava compelir os aspectos sincréticos da época (BITTENCOURT FILHO, 2003).

Em 1827 com D. Pedro I, o catolicismo passou a ser a religião oficial no Brasil e o clero passa a ser funcionário do governo. O rompimento com o padroado ocorre no final XIX, quando o catolicismo deixa de ser oficialmente a religião brasileira. A mudança acontece em meio a substituição da monarquia pelo regime republicano e após este fato o Brasil passa ser declarado laico (GAARDER et al., 2000).

Conforme Bittencourt Filho (2003) a religiosidade brasileira foi concebida pela relação de poder, ou seja, dos descobridores, ocorrida no período colonial e pelo encontro das culturas (portuguesa, indígena e negra), e deste encontro surgiu um catolicismo brasileiro com características próprias.

3.3 Outras expressões religiosas no Brasil: as religiões de matriz africana

Até meados do século XX as religiões afro-brasileiras eram conhecidas como ritos de preservação da cultura do povo escravo e seus descendentes. Teve sua origem com a chegada dos escravos da África para o Brasil, ocorrido pelo tráfico negreiro. Ainda hoje é considerada pelos Movimentos Negros como expressão da cultura a qual descende (GAARDER et al., 2000).

A organização das religiões africanas se deu principalmente quando no final do regime de escravidão no século XIX, esses negros foram trazidos principalmente para os centros urbanos, onde apesar das dificuldades conseguiram ter algum contato. Com a fixação em áreas urbanas foi possível que algumas tradições fossem mantidas e surgissem os primeiros cultos organizados (GAARDER et al., 2000),

Considerando esse cenário, Prandi (1998) descreve que até os anos 1930, as religiões negras poderiam ser compreendidas como religiões étnicas ou de preservação da cultura dos antigos escravos negros e seus descendentes, ou seja, a religião como mantenedora das tradições de sua origem.

Além disso, as religiões afro enfrentaram três grandes momentos em sua história em território brasileiro. Surge o sincretismo com a religião católica que já estava consolidada no Brasil, e desta junção, nascem modalidades tradicionais como candomblé, xangô, tambor de mina e batuque; em seu segundo momento o branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30; finalizando esta trajetória acerca das religiões africanas no Brasil, a africanização, a instituição do Candomblé como religião universal a partir dos anos 60. Com isto, essa denominação religiosa passa ser aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, implicando na negação do sincretismo (PRANDI, 1998).

Considerando essa discussão Gaarder et al. (2000) referem-se a nomenclatura das religiões afro-brasileiras, sendo ligada com as localidades onde surgiram e em distintos momentos da nossa história, sendo esses principais elementos de diferentes rituais e versões mitológicas adotadas por cada uma delas.

Ainda se referindo a nomenclatura das religiões de matrizes africanas e seu surgimento no Nordeste (PRANDI, 1998, p.152) afirma:

O Nordeste foi berço também de outras modalidades religiosas mais próximas das religiões indígenas, mas que cedo ou tarde acabaram por incorporar muito das religiões afro-brasileiras ou as influenciar. Trata-se do catimbó, religião de espíritos aos quais se dá o nome de mestres e caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e curar. Esse tronco afro-ameríndio tem particularidades em diferentes lugares, sendo chamado de jurema, toré, pajelança, babaçuê, encantaria e cura.

A história dos povos negros no Brasil é marcada pela descaracterização e desvalorização de seus costumes e crenças, haja vista os processos religiosos impostos por uma sociedade branca e elitizada que se instala e a estrutura. Nesse sentido, o catolicismo assumiu uma grande influência na consolidação da religião do país, chegando o mesmo, a se caracterizar enquanto um país católico. Aliado ao processo de desvalorização das religiões de matriz africana e se contrapondo ao catolicismo, o movimento pentecostal ganha força e passa a se configurar outra opção em que os/as negros/as passaram a ser acolhidos/as e reconhecidos enquanto componentes de outra forma de expressar religiosidade, longe da lógica profana.

3.4 Pensando no fenômeno pentecostal no Brasil

Quando se fala do surgimento da religião pentecostal no Brasil, não se pode perder de vista o marco mundial. Souza (2004) destaca que o pentecostalismo é descendente de um protestantismo do espírito, que teve seu marco inicial por três

movimentos sucessivos ancestrais do pentecostalismo - dos anabatistas, dos quacres e dos metodistas - Essa designação feita inicialmente omite um forte antecessor do pentecostalismo moderno, o montanismo, movimento cristão que surgiu no segundo século, que tinha como doutrina dispensação do Espírito Santo. No presente, tido como nova manifestação do dom da profecia e disseminava a ideia da proximidade do fim dos tempos.

O termo pentecostal tem sua explosão a partir de 1901, fala-se que sua origem vem da festa anual judaica, comemorada após a Páscoa, porém essa ligação não existe. A doutrina pentecostal está relacionada a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, sua doutrina está ligada a manifestação dos dons da glossolalia², e da profecia como sinais dessa descida (SOUZA, 2004).

Conforme Gaarder et al. (2000) as primeiras manifestações pentecostais ocorreram no século XIX nos Estados Unidos, como um movimento de avivamento mais intenso dentro das igrejas metodistas e batistas, com isso se consolidaram no início do século XX.

Para entender o movimento pentecostal Souza (2004) explica que este passou por três grandes fases ou avivamentos: o primeiro acontece no início do século XVIII e enfatizava a conversão para a participação da vida na igreja; o segundo surgiu no fim do século XVIII e se prolongou até os anos 50 (essa fase menos marcada pelo emocionalismo exagerado), como isso e todo processo histórico vivenciado pelos pentecostais; a última fase é de uma doutrina mais moderada e socialmente participativa até os dias atuais.

Tendo sua origem nos Estados Unidos, de onde se espalhou para o mundo, sua explosão deu-se entre a população negra. Em quase todos os lugares, as igrejas pentecostais iniciaram suas comunidades eclesiais entre as populações de baixa renda e menos favorecidas, ou seja, aquelas onde a desigualdade social maltratava (SOUZA, 2004).

Conforme Souza (2004) os pentecostais brasileiros conseguiram assimilar em sua doutrina a exclusão social, fazendo-a legítima por causa do estatuto sagrado e em visão de mundo onde os sofrimentos vivenciados são para que haja purificação. Todavia, seu crescimento se deu, pelo catolicismo e o protestantismo deixarem espaços nas camadas mais populares. Como o pentecostalismo nasceu em meio ao

² É um fenômeno que, segundo alguns cristãos as pessoas teriam a capacidade de falar em línguas desconhecidas enquanto rezam.

povo que se sentia oprimido, logo se transformou em um fenômeno de grande repercussão, pois trouxe consigo uma liturgia proselitista e de fácil compreensão entre esta parte da população.

Para Matos (2006) o pentecostalismo brasileiro pode ser explicado pela teoria das três ondas de Paul Freston. A primeira onda ocorreu com a implantação da denominação religiosa Assembleia de Deus e após a Congregação Cristã no Brasil. Essas denominações conseguiram dominar o cenário pentecostal brasileiro por cerca de 40 anos, tendo a Assembleia de Deus crescido e se expandido geograficamente, ao contrário da outra denominação.

A segunda onda ocorre nas décadas de 50 e 60, quando o campo pentecostal se fragmenta por formas de pensar divergentes. A partir daí surgem três grandes denominações ligadas ainda ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), coincidindo com o aumento da urbanização do território brasileiro (MATOS, 2006).

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro se inicia no final dos anos 70 e ganha força na década de 80, quando surgem as igrejas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade. Tem como sua representação máxima a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, entre outras. Assim, conforme a teoria do surgimento de Freston, ficam estabelecidas as características de cada onda. Segundo ele, a ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e o consequente falar em línguas, a da segunda onda foi a cura e a da terceira, o exorcismo e mensagem da prosperidade (MATOS, 2006).

No Brasil, entre as décadas de 60 e 70, marcadas pela ditadura militar, os grupos pentecostais tiveram um grande crescimento, sobretudo num período onde a repressão marcava o país, e com isso o fundamentalismo foi uma influência marcante. Portanto, o pentecostalismo e fundamentalismo se tornam ligados na história da religião protestante do Brasil (OLIVEIRA, 2015).

Oliveira (2015) salienta ainda que o pentecostalismo teve uma grande expansão entre os negros no Brasil, por se tratar de uma religião em que a liturgia se aproxima da realidade dos afrodescendentes, pois eles não são meros ouvintes e sim participam do culto. Logo, destacam-se algumas características que fizeram com que o povo negro se identificasse com esta religiosidade, são elas: o corpo como

instrumento durante o culto, citando os momentos de adoração onde as pessoas abrem os braços, batem palmas, etc. Outro aspecto são as músicas, pois retratam a vida, o sofrimento passado, a libertação, é assim que a população negra se identifica com as canções, por serem de fácil interpretação e que apresentam falas cotidianas vivenciadas por estes. A partir desta identificação, hoje, quando se fala de comunidades quilombolas, deve-se ter o cuidado em não se lançar as faces do passado, mais sim como estes se identificam atualmente. Nesse contexto deve-se compreender como esta identificação surge e se mantém nos dias atuais.

3.5 Observações sobre a noção de identidade das comunidades remanescentes de quilombo.

A primeira vez que o termo quilombo foi utilizado na história brasileira correspondeu a uma resposta ao Conselho Marítimo em 1740, momento em que o Rei de Portugal definia quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões nele” (MOURA, p.16, 1986).

Historicamente a palavra quilombo remonta da África “ochilombo” que naquela terra significa lugar para descanso para viajantes ou até mesmo para caravanas que faziam comércio de escravos e de produtos de valor. Com a vinda dos negros trazidos pelos portugueses ao Brasil para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar, a palavra quilombo passa a ter outro significado um deles de refúgio e de liberdade da vida de castigos e humilhações sofridas pelos mesmos (SILVA e MELO, 2013).

Na Constituição brasileira o decreto n.4887 que data do ano de 2003 definiu-se estas comunidades negras rurais ou remanescentes das comunidades dos quilombos:

[...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. E as terras utilizadas pelas mesmas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

A fundação Palmares, Órgão responsável pelo reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos explica que:

“No período de redemocratização do Brasil, o Movimento Negro e lideranças das comunidades remanescentes de quilombos intensificam a busca por direitos de cidadania. Envolvidos no processo de elaboração da Constituição de 1988 asseguram o direito de preservação de sua cultura e identidade, bem como o direito a titulação das terras ocupadas por gerações e gerações de homens e mulheres que se contrapuseram ao regime escravocrata e

constituíram um novo modelo de sociedade e de relações sociais” (FUNDAÇÃO PALMARES, 2011).

Ainda no que se refere às comunidades remanescentes de quilombos, tiveram suas formações no Nordeste como também nas demais regiões do Brasil vinculadas a luta e conquista das terras em que seus antepassados viveram, e por isso sua autodefinição se dá como estes se relacionam com o solo e atividades extrativistas, constituindo assim sua identidade e legitimidade, levando em consideração sua ancestralidade, cultura, modo de vida e costumes (FUNDAÇÃO PALMARES, 2011).

Para falar de identidade incorporada à realidade quilombola, não se pode deixar de fazer destaque aos estudos de Bauman (2005 p.83-84), quando o teórico afirma:

[...] O habitat da identidade é o campo de batalha: ela só se apresenta no tumulto. Ela é uma luta contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e uma recusa a ser devorado. Essa batalha a um só tempo une e divide, suas intenções de inclusão e segregação misturam-se e complementam-se[...]

Inspirados/as no conceito de identidade apontado por Bauman (2005), quando se fala de identidade das comunidades de remanescentes de quilombo no Brasil, é importante salientar, como essas comunidades se reconhecem hoje. Sendo assim, Furtado et al. (2014) destacam que a formação da identidade se dá por um coletivo ou grupo de indivíduos ao repartir significados e coisas simbólicas como a língua que é falada, a forma de religiosidade, a história contada pelos antepassados e assimiladas através do tempo pelos indivíduos, interesses comuns e a cultura, se opondo àqueles que não partilham destes mesmos processos.

Desse modo o conceito de identidade das comunidades quilombolas passa pela representatividade aos quais os indivíduos estão inseridos e como os mesmos se identificam com os valores, costumes e significados construídos socialmente, e o coletivo se dá pelo processo histórico-cultural que ocorre através do tempo (FURTADO et al. 2014).

Conforme descreve os autores Lira e Ribeiro Neto (2016) com o passar dos tempos, a terra deixa de ser uma terra sagrada e comunitária e se torna o território de lutas para manter-se como seus antepassados o faziam. Com isso, hoje as comunidades têm sua constituição diversificada, não somente pela formação étnica, que antes só advinham de parentesco e sucessão, não somente em questões territoriais, como uso desta terra, sendo privado ou comum em determinadas regiões,

mas está ligada a pluralidade de fatores históricos, suas representações e por elementos de sua identidade única.

A partir do que foi apresentado, o Programa Brasil Quilombola (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2005) apresenta outro conceito referente ao termo remanescente quilombola, tentado assim reverter a forma de invisibilidade que afeta este povo até hoje. Descreve-se essa nomenclatura:

[...] aos indivíduos, agrupados em maior ou menor número, que pertençam ou pertenciam a comunidades, que, portanto, viveram, vivam ou pretendam ter vivido na condição de integrantes delas como repositório das suas tradições, cultura, língua, valores, historicamente relacionados ou culturalmente ligados ao fenômeno cultural quilombola (SEPPPIR, 2005, p. 11)

Contudo, quando se fala em identidade não podemos esquecer que a identidade coletiva não anula o sujeito ou sua identidade individual, esta é marcada pela fluidez e pela flexibilidade, portanto não podemos engessar a identidade desta população tão somente pela restauração de seu passado, mas devemos ver esta identidade, o que ela significa hoje e o que significará no futuro (FURTADO et al. 2014).

A identidade formada por este povo está ligada ao seu território, que é um fator de segurança onde sua identidade ganha suporte e resistência. Deve-se levar em consideração que as comunidades quilombolas atuais não são as mesmas do passado, existentes no período colonial, e menos ainda, não podem ser simplesmente restringidas em categorias de abrangência geral e única (ROCHA, 2010).

Por conta disso, atualmente quando se fala em comunidades quilombolas deve-se buscar compreender como estas se formaram, cresceram e se mantêm unidas. Quais atributos históricos e culturais, como lidam com a natureza ao se redor e como elas próprias se autodefinem buscando seus conceitos próprios de valorização de um passado histórico, de um presente de lutas para seu reconhecimento e de um futuro sem medo de perder seu território. A luta consiste em fazer não desaparecer a memória da formação da identidade brasileira quanto a nação miscigenada e tão rica culturalmente.

3.6 Breve reflexão sobre identidade religiosa

Em diversos contextos as identidades religiosas estão sendo marcadas pelas mudanças nas características indenitárias que são herdadas de um passado histórico. Essa mudança vem ocorrendo pela força da cultura global que se expande cada vez

mais entre países e sociedades, superando assim barreiras políticas e geográficas interagindo mutuamente entre a esfera local e global (RODRIGUES, 2016).

Rodrigues (2016) ressalta que em diferentes cenários o sentimento de pertencimento e identificação com o grupo se rompe tanto com a localidade geográfica quanto com as identidades tradicionais a partir do conhecimento adquirido dos indivíduos envolvidos. Ou seja:

[...] A religião passa a ter um ou vários significados, a partir das escolhas particulares de cada sujeito. Mais do que nunca, as pessoas se sentem livres para expressar o que a religião significa para si, independentemente dos discursos tradicionais (RODRIGUES, 2016 p. 328).

A partir disso, os indivíduos envolvidos veem em sua convicção religiosa uma experiência útil, que traz prazer, é saudável, adequada e sobretudo agregadora de valores e com isso passam a associar o religioso as suas necessidades e adequando às suas próprias carências e interesses (RODRIGUES, 2016). Ainda sob a perspectiva do autor supracitado:

[...] assim, os sujeitos se veem em meio aos mais diversos discursos, entre os quais cada um reivindica a si, crédito e legitimidade. É exatamente a partir dessas aparentes contradições e do solo secularizado, individualizado, globalizado e pluralista onde pisam os pés de diversos indivíduos contemporâneos, que muitos têm optado não por uma tradição ou pertença religiosa, mas por diversas identificações, enquanto muitos outros condenam essa mesma religiosidade plural (RODRIGUES, 2016, p. 329).

Em adição a essa discussão, Bittencourt Filho (2003) argumenta que o indivíduo passa a se modelar, criar a sua própria religiosidade, levando em consideração vários elementos provenientes das suas diferentes experiências sociais e religiosas. Os princípios e temáticas religiosas não são compartilhados de maneira homogênea, elas passam a ser moldadas a partir das vivências dos envolvidos, criando assim um discurso plural e não apenas único. A partir da ideia acima apresentada, duas afirmativas do autor se fazem necessárias para nossa compreensão sobre identidade religiosa:

O indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias. Na sociedade atual, com traços fortemente individualistas, a religião está sendo considerada como realização interior e/ou necessidade subjetiva (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 32 e p.182).

Para Marinucci (2011), na atualidade o ser humano é o sujeito de sua história, porém não desapega da sua religiosidade, mas, a adapta as suas novas experiências e a faz interagir com sua pluralidade tentando de alguma forma responder suas

inquietações de existência. Sendo assim, o Brasil não foge dessa condição. A religiosidade no Brasil se diversificou principalmente pelo surgimento e crescimento das denominações pentecostais e neopentecostais. Nesse sentido o autor acrescenta:

[...] as mudanças identitárias na dimensão religiosa – enquanto trânsito ou reinterpretação do paradigma de pertencimento denominacional – são cada vez mais frequentes no Brasil contemporâneo, assim como na maioria dos países do mundo ocidental. O pluralismo urbano, a busca pela autorrealização pessoal, a destradicionalização e individualização das crenças, a diferenciação funcional das sociedades, entre outros fatores, fomentam um clima em que a mobilidade religiosa representa não mais a exceção, e sim a regra do jogo (MARINUCCI, 2011, p. 116)

De acordo com Prandi (2001), quando retrata a identidade religiosa no mundo atual, o mesmo informa que num mundo totalmente globalizado e plural, o nascer em uma religião não significa que o indivíduo permanecerá nela, ou seja, a religiosidade é uma escolha e não algo imposto, e esta opção religiosa está ligada a pluralidade crescente no mundo contemporâneo ao qual vivemos.

Para Abumanssur (2011) as identidades religiosas e sociais vêm “sendo construídas nas fraturas das tradições, e o modo de vida urbano vai se impondo em um processo morde e assopra” com as heranças do passado. Ou seja, a identidade está atrelada a vida cotidiana, na atualidade considerada plural e global, ao mesmo tempo que dialoga com o passado histórico de uma determinada localidade. Como a comunidade encontra-se em uma região onde havia muitos engenhos, esses que tinham escravos em suas lavouras, fazendo assim a história da região se confundir com o crescimento econômico e demográfico da mesma, implicando assim numa pluralidade que afeta o estilo de vida dos seus habitantes.

Tomando como base as reflexões de Abumanssur (2011), a presente pesquisa aponta enquanto desafio a valorização da identidade religiosa no contexto da realidade vivenciada pela comunidade na qual foi realizada a pesquisa. Isto se deve ao fato da adesão por esta comunidade as religiões pentecostais. Situação que pode provocar a negação de um passado definidor, bem como de uma cultura e identidade no território em que a mesma está localizada.

4. METODOLOGIA

A definição pela metodologia utilizada na presente pesquisa parte da atuação como estagiária no projeto SISAN UNIVERSIDADES (UFRPE, UFPB e UFRN). Durante as reuniões da equipe do projeto, para definição das comunidades que seriam contempladas pela realização do diagnóstico, foi realizado um levantamento (a partir de dados secundários, - registros do Ministério Público PE e articulações das representações da Secretaria de Desenvolvimento Agrário - SDA de PE) das comunidades quilombolas do estado de Pernambuco. Nesse momento, além de se identificar as comunidades quilombolas do estado, também foi sinalizada pelas representações do SDA a expressiva presença das denominações pentecostais nas comunidades quilombolas do estado.

Essa realidade chamou atenção nas primeiras visitas nas comunidades remanescentes de quilombos, experiências essas fundamentais para a definição do objeto de estudo da pesquisa. Logo ficaram claros que os elementos para constituir o presente estudo, seriam denominações pentecostais, cotidiano das famílias e a sobrevivência da cultura ancestral.

Outro momento emblemático para definição da pesquisa foi a participação na oficina do Projeto SISAN Universidades (UFRPE-UFPB-UFRN) realizada com comunidades quilombolas do estado de Pernambuco. Esse momento trouxe consigo a troca de conhecimento e saberes, sobre assuntos e elementos percebidos na vida cotidiana e as dificuldades apontadas pelas representações das comunidades presentes. Durante os intervalos em momentos de conversas com algumas lideranças, ficou clara a existência expressiva das representações pentecostais nas comunidades presentes.

Essas experiências vivenciadas direcionaram os elementos constituintes da presente pesquisa, a qual se configura mediante abordagem qualitativa que segundo (MINAYO, 2002, p.21):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa também se caracterizará enquanto exploratória quando, segundo Gil (2008, p. 41): “[...] tem como objetivo principal proporcionar mais familiaridade com

o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese[...]” e também por meio de um estudo de caso conforme afirmação abaixo:

[...] os propósitos do estudo de caso não são de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados (GIL,2008 p.55).

A partir da escolha da metodologia aplicada à pesquisa, o universo de estudo ocorreu em uma comunidade remanescente de quilombo no município da Mata Sul do estado de Pernambuco. A referida comunidade, que está intimamente ligada a formação da própria Mata Sul, onde a mesma surge na primeira metade do século XVI, como sendo uma das primeiras regiões brasileiras a se ter exploração e extração do pau brasil logo após ao cultivo de cana de açúcar. Este fator foi decisivo para formação dos engenhos que marcaram a região até os dias de hoje (AGEITEC, 2013).

Atualmente, a Mata Sul do estado de Pernambuco é formada por 24 municípios e dois municípios tem predominância da denominação pentecostal enquanto expressão religiosa (IBGE, 2010).

Referindo-se ao universo do estudo, localizado na Mata Sul do estado de PE, a comunidade remanescente de quilombo onde foi realizada a pesquisa é composta por 105 (cento e cinco) famílias, as quais estão distribuídas na parte urbana próximo ao centro da cidade, conhecida como Vila dos Pescadores e outra na área rural. Essa delimitação das áreas aconteceu, segundo explicação do representante/liderança da comunidade, devido ao crescimento do município, assim a comunidade foi sendo empurrada para parte rural e afastada do centro. No entanto, a partir de um estudo houve a descoberta que ali viveram famílias quilombolas e desde então a área passou a ser reconhecida, não havendo mais invasão das terras.

Entre os instrumentos de coletas de dados utilizados nesta pesquisa foram utilizados a revisão bibliográfica a partir da escolha do tema, que segundo Gil (2008, p.44):

É desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] “para que haja um conhecimento prévio sobre o assunto exposto, neste momento a pesquisa bibliográfica foi realizada levando em consideração os temas sobre religião, afro descendência, religiosidade brasileira, pentecostais e identidade individual e coletiva.

Outra estratégia metodológica utilizada foi a observação in lócus, realizada na comunidade acima mencionada, que segundo Creswell (2007, p.190) consiste em: [...]

“O/A pesquisador/a tomar notas de campo sobre o comportamento e atividades das pessoas no local de pesquisa”.

Esta etapa foi realizada no mês dezembro, acompanhada de uma representante da comunidade a qual durante a visita relatou fatos importantes referente a vivência dela naquela localidade. Vale ressaltar que apesar de ter ocorrido uma única visita, a experiência teve extrema importância, pois andando pela comunidade foi possível observar o comportamento, formas de lidar com os outros e como é vivida a relação delas com a religiosidade do local.

Para obtenção de respostas que corroborassem com a observação na localidade descrita acima, se fez necessário a entrevista semiestruturada, que para Gil (2008, p.109):

[...] Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais [...].

Sendo assim, foram realizadas entrevistas subsidiadas de roteiros semiestruturados que estão anexo e com auxílio de gravador, com famílias da comunidade. Neste momento foram realizadas sete entrevistas com representantes das famílias vinculadas a religião pentecostal e posteriormente a realização das entrevistas, as mesmas foram desgravadas para viabilizar as análises dos depoimentos coletados.

A análise de dados da pesquisa exploratória qualitativa é descrita segundo Creswell (2007, p.194):

[...] O processo de análise de dados consiste de extrair sentido dos dados de texto e imagem. Envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representações dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados [...].

Conforme Gil (2008, p. 133), ainda referente a análise de dados em pesquisa qualitativa, ela é embasada por: “definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.”

A análise dos dados da pesquisa permitiu apresentar as conclusões do presente estudo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. A realidade vista de perto: a experiência na comunidade remanescente de quilombo

A partir do que foi apresentado nos estudos de Moura (1986); Silva e Melo (2013) e Fundação dos Palmares (2011) o que definem as comunidades remanescentes de quilombos não se restringe a uma forma homogênea e única. Ou seja, os autores chamam atenção dos aspectos relacionados desde as a organização da dinâmica cotidiana a exemplo, a produção de alimentos, o extrativismo, pesca, questões étnicas e expressões culturais entre outras. Essas características apresentaram-se existentes na comunidade remanescente de quilombo universo de estudo da presente pesquisa.

Aliada a essa discussão, sobretudo no que concerne as questões de ordem cultural e religiosa, as quais se faz destaque nesse estudo, a pesquisa deixou claro que as denominações pentecostais chegaram à comunidade remanescente pela adesão por membros, como destaca a fala de Crispim:

[...]minha bisavó era escrava, não tinha religião e era uma pessoa extremamente bondosa, com o fim da escravidão, a mesma viu sua comunidade se tornar perigosa e violenta, buscando assim a religião pentecostal na denominação Assembleia de Deus que ali já se encontrava. Essa violência estava ligada as práticas das pessoas [...] dançar, matar animais, fazer festas [...]tinha muito terreiro aqui [...] [...]Esta era a forma de lidar com tudo a sua volta. Com o passar do tempo ela começa então a evangelizar as pessoas da comunidade [...] não se tem data certa. (Crispim – Liderança Comunitária)³

O depoimento da liderança entrevistada apresenta alguns elementos motivadores para aproximação da religião pentecostal na comunidade pesquisada, entre os elementos apresentados destacam-se as questões relacionadas aos rituais vinculados as religiões de matriz africana. Fazendo-se destaques a pontos considerados negativos pelo entrevistado e conseqüentemente abrindo espaço para aproximações de outras práticas religiosas que poderiam contribuir para melhoria das condições de vida da comunidade.

Entretanto, outras situações podem ter contribuído para o aumento da violência na comunidade, ou seja, a dificuldade da inserção no mercado de trabalho, a baixa escolaridade, entre outras características relacionadas ao perfil socioeconômico das famílias que residem na comunidade.

³ Os nomes apresentados nos depoimentos serão fictícios a fim de preservar a identidade dos/as entrevistados/as.

5.2 Situando o perfil socioeconômico das famílias entrevistadas da comunidade remanescente de quilombo

Para traçar um panorama do perfil socioeconômico da comunidade remanescente de quilombo em que foi realizada a pesquisa, contou-se com as entrevistas de sete pessoas da comunidade que foram escolhidas por pertencerem a denominações pentecostais e com isso foram entrevistados/as dois homens e cinco mulheres.

Os dados coletados nas entrevistas revelaram que a idade dos entrevistados/as, variou entre 33 a 57 anos de idade. Desses, apenas um homem e uma mulher se denominaram como negros/as, e as demais pessoas se identificaram enquanto moreno/as. Em relação à escolaridade, três afirmaram não ter concluído o ensino fundamental e quatro concluíram o Ensino Médio. Outra informação importante é em relação ao estado civil, quatro entrevistados/as informaram ser casados/as, uma mulher viúva e uma solteira.

Ainda em relação à constituição da família todos/as afirmaram ter filhos/as. A média de filhos/as é de um a cinco filhos/as com idades que variam de quatro a 36 anos. Em relação ao tempo de residência na comunidade também variou de sete a 49 anos. Entretanto, os relatos demonstram que esse tempo não foi contínuo para todos/as, pois duas entrevistadas informam que saíram e voltaram para comunidade durante um período.

Outro dado importante dos/as entrevistados/as é no que se refere a renda por domicílio, ou seja, a menor renda apresentada foi a relacionada ao recebimento do bolsa família somado com as faxinas totalizando o valor de R\$ 480,00 e a maior renda refere-se a um pouco mais de um salário mínimo que corresponde a renda de um dos entrevistados que é funcionário público contratado e o outro barqueiro.

Destaca-se também que apenas uma das mulheres afirmou trabalhar fora de casa fazendo faxina, as demais contam com a renda dos companheiros. No momento da entrevista também ficou claro que essa é a realidade da maioria das famílias que residem na comunidade, ou seja, a presença e dependência do bolsa família, sobretudo para as famílias que não estão inseridas no mercado de trabalho formal. O desenvolvimento de trabalhos precários e vulneráveis, sem a garantia de seguridade social se faz presente para a maioria dos moradores do local, mesmo nas casas que

são chefiadas pela figura masculina. No quadro a seguir algumas das informações apresentadas à saber:

Quadro 1: perfil socioeconômico das famílias entrevistadas

| Entrevistado | Cor | Idade | Escolaridade | Estado civil | Tempo que reside na comunidade | Quantidade pessoas no domicílio | Quantidade de filho(s) | Renda | Origem da renda |
|--------------|---------|-------|------------------------|--------------|--------------------------------|---------------------------------|------------------------|--------|--------------------------------|
| Dandara | Negra* | 46 | Fundamental Incompleto | casada | 46 | 04 | 02 | 998,00 | Trabalho do marido |
| Antonieta | Negra* | 49 | Ensino Médio | solteira | 12 | 02 | 01 | 480,00 | Bolsa família + faxina |
| Crispim | Negro* | 49 | Ensino Médio | casado | 49 | 04 | 02 | 1,200 | Agente de saúde |
| Luísa | Morena* | 57 | Fundamental Incompleto | viúva | 42 | 04 | 07 | 998,00 | Benefício |
| Abdias | Moreno* | 33 | Ensino Médio | casado | 33 | 03 | 01 | 1,200 | Barqueiro |
| Firmina | Morena* | 38 | Ensino Médio | casada | 38 | 03 | 01 | 998,00 | Benefício |
| Tereza | Negra* | 40 | Fundamental Incompleto | casada | 07 | 07 | 05 | 800,00 | Bolsa família + bico do marido |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Fazendo referência ao quadro 1 apresentado, também se faz necessário destacar que a média de pessoas que vivem nos domicílios variam de 02 a 07 pessoas. Nesse sentido, fica evidente as condições de vulnerabilidade e pobreza vivenciadas pelas famílias, sobretudo num contexto em que a renda maior gira em torno de pouco mais de um salário mínimo. O depoimento da entrevistada afirma: *O certo é o dinheiro da Bolsa Família, a renda só aumenta quando meu marido faz bico [...] quando Deus quer ele tem mais trabalho [...]* (Tieta). Nessa discussão também se inserem as famílias que tiveram o benefício do Bolsa Família cortado, ou ainda não obtiveram resposta sobre a possibilidade de recebimento após cadastro. Somado a isto, existem os casos daqueles que não conseguiram receber.

Contudo, o questionário socioeconômico também demonstra uma população suscetível a vinculação das religiões pentecostais na qual Souza (2004) explica que os pentecostais brasileiros conseguiram assimilar em sua doutrina a exclusão social, fazendo-a legítima por causa do estatuto sagrado e em visão de mundo onde as dores, os sofrimentos vivenciados são para que haja purificação, e seu crescimento se deu pelo catolicismo e o protestantismo deixarem espaços nas camadas mais populares. Como o pentecostalismo nasceu dentre essa parte da população, se transformou em um fenômeno de grande repercussão, pois trouxe consigo uma liturgia proselitista e de fácil compreensão para esses indivíduos.

Nessa linha de pensamento Oliveira (2015) acrescenta que vários aspectos fizeram com que os menos favorecidos procurassem as igrejas pentecostais: sentiram-se atraídos pela sua liturgia simples, a fala enfatizada na fé por uma melhora de vida material e conseqüentemente espiritual, falas estas que eram apregoadas nos trens, ônibus e em praças onde todos eram bem vindos. O que restava para esta população que passava por diversas dificuldades era ter fé em uma força maior, em uma divindade que olhe pelos menos favorecidos e que cria estímulos e dá forças para lutar por uma vida próspera almejada por todos.

Levando em consideração a história do movimento pentecostal e sua adesão por grande parte da população menos favorecida, onde são eles os que mais sofrem pelas desigualdades no Brasil, entende-se que a população tende a ver na fé uma forma de superar seus próprios limites ou de vivenciar suas dificuldades, sempre com esperança em dias melhores. Existe a resignação frente às dificuldades as quais segundo eles, são passageiras e que só a fé é capaz de melhorar sua qualidade vida.

5.3 As expressões religiosas na comunidade remanescente de quilombo

A partir das observações in lócus realizadas no decorrer da pesquisa, assim como os momentos de realização das entrevistas na comunidade remanescente de quilombo da Mata Sul do estado de PE, foi observado várias características presentes nos comportamentos, costumes, modos de comunicação que remetem a população pentecostal. O entrevistado Crispim apresenta depoimento que confirma as observações realizadas na região: [...] *aqui na comunidade e em volta são cinco denominações religiosas, três pentecostais, uma não pentecostal e uma católica* [...]. Nesse sentido, observa-se a marcante presença das religiões pentecostais na comunidade, sobretudo ao se considerar a vulnerabilidade socioeconômica da população local tomando como referência os dados apresentados no quadro I.

Para Oliveira (2015) essa condição socioeconômica apresentada pela comunidade é um elemento definidor para a vinculação as denominações pentecostais no Brasil. Essa adesão parte de diferentes fatores que vão desde o processo acolhedor que desvincula a condição de pobreza de um processo socioeconômico construído, e parte das condições espirituais, ou seja, do conformismo que é a vida que *“Deus” permite, a “vida que Deus quer”* (Tereza). Passando também por questões relacionadas a liturgia simplificada e de fácil entendimento, a perspectiva de prosperidade econômica, são partícipes do processo de construção no ritual religioso, da programação das atividades realizadas pela igreja, grupos integradores em diferentes faixas etárias e etc.

Quando os/as entrevistados/as foram questionados em relação ao vínculo religioso dos/as entrevistados/as fica evidente que a maior adesão é em relação às religiões pentecostais, sendo citadas as denominações religiosas como: Igreja Batista Shekinah, Igreja Batista de Filadélfia Missão Novo Israel e Assembleia de Deus, sendo a última a mais citada dentre as demais. Conforme Oliveira (2015) a Assembleia de Deus é considerada a denominação pentecostal mais antiga no Brasil e com maior número de membros e templos distribuídos não apenas nas áreas urbanas, mais nas rurais e principalmente em locais onde a população sofre por vários problemas e passam por diversas dificuldades.

Oliveira (2015) ainda esclarece que a Assembleia de Deus é o maior grupo pentecostal no Brasil, tem uma influência na religiosidade do país e muitas outras denominações neopentecostais nasceram tendo como referência doutrinária a

mesma. Em mais de cem anos de história, cresceu e dividiu-se em várias outras, com o surgimento de vários ministérios e convenções, tornando assim pela raiz denominacional todos pertencentes a ela, haja vista a congregação seja organizada em favelas, esquinas, na área rural, em lojas alugadas, etc. Segundo o autor por este motivo é impossível dimensionar com exatidão o número de fiéis ligados a esta denominação.

Para Oliveira (2015), os motivos que levam as pessoas a se tornarem membros das denominações pentecostais tem a ver com a questão da santidade encaradas por elas. Para os pentecostais a palavra “santo” traz consigo algumas características que são adotados por seus integrantes. Nessas denominações religiosas “santo” significa estar “separado”, ou seja, estão separados do mundo profano, por este motivo eles ficam longe por exemplo: de ir a jogo de futebol, jogar dominó, ir a festas, assistir televisão, passam a se vestir de forma diferente (geralmente conservadora), enfim, tudo isso para chegar à santidade, e de ser merecedora de estar na presença do Senhor.

Os que buscam as igrejas pentecostais veem nestas formas de lidar com a religiosidade e com a vida cotidiana como se estivessem colocando o corpo em sacrifício, não o físico, mais o de abrir mão do que antes era para satisfazer seus desejos pessoais íntimos, para viver pelos anseios espirituais aos quais se busca melhoramento como pessoa individual e social. Essa forma de agir faz parte da doutrina pentecostal no que diz respeito a eles viverem sua própria realidade e longe dos homens do mundo em sua volta (OLIVEIRA, 2015).

Complementado a ideia do autor acima citado, Rodrigues (2016) afirma que os indivíduos envolvidos veem em sua convicção religiosa uma experiência útil, que traz prazer, é saudável, adequada e sobretudo agregadora de valores e com isso passam associar o religioso as suas necessidades e adequando às suas próprias carências e interesses.

As entrevistas também revelaram que os principais motivos que levaram a adesão/filiação as religiões pentecostais dos/as mesmos/as, sendo a questão relacionada a “salvação” a mais citado/a por 3 (três) dos entrevistados/as. [...] *Oh muito foi primeiramente minha salvação n? [...] a gente somos salvo para morar no céu...Luísa [...]O melhor lugar né? servir ao senhor, a salvação como diz João 36 [...]* Abdias.

Outras respostas dialogam com a perspectiva de análise apontada por Oliveira (2015), ou seja, viver no mundo dos homens e que ao se tornarem pentecostais passam a viver em uma realidade diferente, ou seja, se afastam de tudo que podem levar a ficar longe de Deus. Os depoimentos a seguir apresentam elementos que compõem essa linha de pensamento.

[...] Eu voltei porque é...assim viver na presença de Deus é muito importante...eu estava no mundo voltei pra casa do Senhor[...] Antonieta.

[...]Eu vivia na cachacinha...companhias erradas...andava armado com arma chamada chuchó[...]/[...]e com isso começamos a nos lapidar, meus ancestrais eram evangélicos[...]/[...]tive hepatite A certo, me converti esta cachaça não dava pra mim[...]/[...] era um bagunceiro, hoje quem me ver né, sair em praça pública, no cemitério sepultando uma senhora o coveiro falou assim: esse é um homem de Deus. A gente conhece o procedimento das pessoas que andam certo entendeu, que não fiquei me glorificando não. Você não se exalta não o mérito foi para Deus não foi pra mim não, nós entendemos que Deus merece o melhor[...] Crispim.

Conforme o que relata Oliveira (2015) a questão da santidade falada e buscada nos membros das igrejas pentecostais não estão apenas relacionadas ao que diz o evangelho e sim a maneira como os membros o vivenciam, levando em consideração os hábitos referentes a maneira de se comportar em público, a mudanças nas vestimentas, a forma de como usar os cabelos, as opiniões entre outras.

Essas expressões apontadas por Oliveira (2015) se materializam no cotidiano das famílias da comunidade remanescente de quilombo pesquisada, sobretudo no que diz respeito às características pessoais, principalmente para as mulheres, como a necessidade de alisar o cabelo, as roupas (saias abaixo do joelho e vestidos ou blusas com mangas). No que diz respeito aos homens, observou-se outro padrão estabelecido, ou seja, ainda que viva num clima quente e região de praia a predominância de um vestuário que não promove um conforto térmico (calças e camisas fechadas). Esses costumes vinculados a representação do vestuário e arrumação do cabelo, por exemplo, distancia a comunidade dos processos relacionados as expressões étnico raciais, deixando de valorizar as cores vivas, o penteado afro, invisibilizando uma identidade histórica correspondente a chegada e permanência da população negra no Brasil.

Por outro lado, as observações no decorrer da pesquisa revelaram a existência de uma memória nos costumes relacionados a alimentação com pratos típicos como o funji, a feijoada, farinha de castanha, o angu e o mungunzá são apreciados por todos, além da agricultura integrada ao meio ambiente e a pescaria artesanal.

Outro sim, cabe destacar que o processo de “purificação, salvação e santificação” apontado nas observações dos indivíduos estudados, está relacionado a questões subjetivas que nem sempre se cumprem em tempo presente. Da mesma forma refere-se a construção de uma ideia de processo temor ao “castigo” divino, a ruína, a desvalorização para os indivíduos que não comungam da religião ou estão afastados/as das práticas religiosas por algum motivo.

5.4 Cotidiano e religião na comunidade remanescente de quilombo

Segundo os/as entrevistados/as eles/as dedicam uma boa parte de seu tempo diário para as atividades ligadas a religião. A exemplo os depoimentos: [...] *Semana toda* [...] Firmina/ [...] *Durante a semana, por que todos os dias estou na igreja né?* [...] *Jáí pronto eu acho que é a maioria do tempo* [...] e o relato de Dandara/ [...] *Vou domingo...vou segunda...vou quarta...as vezes vou a tarde e se não estiver cansada vou à noite* [...] Antonieta/ [...] *Todo dia eu não vou né?* [...] *mas vou assim 2 dias 3 na semana* [...] Abdias.

Todos/as os entrevistados/as dedicam tempo as atividades relacionadas a sua religião. Referente ao tempo dedicado, as ocupações das mulheres se sobressaem as dos homens entrevistados, já que estes, mesmo dedicando um certo tempo a religião o dividem com suas atividades remuneradas(trabalho), a qual mantém suas famílias.

Em relação às mulheres cumpre-se destacar a conciliação dos afazeres domésticos e reprodutivos com as atividades realizadas na igreja, cabe chamar atenção que essas atividades sempre são relacionadas historicamente as mulheres. Essa realidade é estendida aos filhos/as que acabam tendo que acompanhar suas mães. Na maioria dos casos as atividades realizadas na igreja tomam mais tempo do que as ocupações realizadas no âmbito doméstico, destacando que ambas são realizadas sem remuneração. E quando desenvolve alguma atividade que possa gerar algum recurso financeiro, certamente, o recurso é destinado a igreja.

Essas atividades realizadas pelas mulheres assumem a dimensão do compromisso que elas têm com a religião. Compondo a construção do seu processo individual e familiar de “purificação e salvação”. Uma verdadeira doação.

Referente aos membros que compõem a comunidade, a maior parte deles estão vinculados a religião pentecostal, seja por que já nasceram em famílias pentecostais

ou fizeram a opção depois de algum acontecimento ou dificuldade vivida. O depoimento a seguir aponta essa realidade.

[...] *Duas, Só eu e a minha outra filha, essa daí foi mais está desviada* [se referindo a filha que estava no momento com ela, a qual se afastou das práticas religiosas]. *Desde que elas nasceram, eu já vivia na igreja, ela já foi crescendo, já conhecendo aí depois que ficou de maior permaneceu* [...] Dandara.

A palavra “desviada” mencionada no depoimento acima diz respeito, as pessoas que faziam parte da denominação religiosa e hoje a deixaram de frequentar. Essas pessoas são intituladas com esta palavra porque a religiosidade familiar tem papel fundamental na formação deste grupo, ou seja, a influência da família na adesão da religião.

Mesmo conscientes de que os filhos cresceram e de que são responsáveis por suas escolhas e atitudes, os pais têm dificuldades em admitir a existência de outros projetos individuais que vão de encontro aos valores socializados em família (ALVES,2009, pag. 13).

Os depoimentos a seguir corroboram com ideia de que a família (os pais) são os principais responsáveis pela formação religiosa de seus filhos:

Referindo-se a esposa: *Já era evangélica* (Crispim)
 [...] *Meus filhos quando nasceram né, eu já era, mais meu marido apresentou na igreja, já cresceram* (Luísa)
 [...] *Nasceu e se criou na religião* (Abdias)
 [...] *A minha filha me segue e meu esposo viu que o melhor é estar na presença do Senhor* (Firmina)
 [...] *Pelo mesmo motivo que eu... fui, fui levando...risos* [se referindo a ela] *foi pelo coração.* (Tereza)

Os depoimentos descritos trazem à tona a efetiva influência das famílias na decisão pela adesão as religiões pentecostais. Normas e valores que tendem a passar para os membros da família enquanto elemento fundante da vida cotidiana, sem que abra possibilidade de escolha por parte desses indivíduos no âmbito familiar. Mesmo que haja esta escolha quando ocorre a saída por qualquer motivo da denominação, esses já são tratados de forma diferente pelos seus familiares, como se estivessem cometendo um pecado contra os ensinamentos bíblicos e a vontade Deus, colocando em risco a sua salvação, ficando vulnerável a situações difíceis.

Ainda sob a perspectiva de Oliveira (2015) os depoimentos de todos/as entrevistados/as apresentados traduzem a fé como uma possibilidade de melhoria para a vida material. Ou seja, diante da realidade com diversas dificuldades, o que resta é acreditar com toda sua fé em uma força superior, em um Deus que sempre

está olhando pelos mais necessitados e com isso se consegue promover a prosperidade material que todos perseguem ou almejam e que para isso deve-se pôr em prática o que está escrito na Bíblia. Estar na presença do Senhor Deus é acolher e seguir todos os ensinamentos para que as dificuldades sejam superadas, ou enfrentadas com resignação para que haja a purificação e a salvação dos mesmos.

5.5 A igreja e suas influências no cotidiano das famílias remanescentes de quilombo

O pentecostalismo teve uma grande expansão entre os negros no Brasil, bem como a opção da maior parte da população que sofre com as desigualdades sociais e raciais no país. Por ser uma religião que aproxima os líderes dos leigos, onde os membros não são apenas meros espectadores, eles participam, podem crescer ocupando cargos importantes dentro da congregação e com isso uma valorização e reconhecimento do ser humano onde sua autoestima é restaurada e ele passa a ser digno de estar na presença do Senhor (OLIVEIRA, 2015).

Neves (2016) comenta sobre as atividades dentro das denominações religiosas, o mesmo diz que a Igreja é vista como o “corpo de Cristo” e como um corpo tem suas partes, a igreja tem seus membros, cada um tem sua funcionalidade. As tarefas dentro de suas denominações são elencadas segundo o dom ou talento que cada um recebe quando nasce, ou seja, o envolvimento nas atividades da igreja está intimamente ligadas ao dom ou talento recebido ao qual o fiel não pode fugir, onde o mesmo também não pode se envolver no trabalho de outro, pois cada um deve exercer sua tarefa segundo seu talento, para que a igreja seja vista como um organismo vivo, representando o corpo de Cristo, e desse modo possa funcionar em harmonia.

Em relação ao exposto, quando os/as entrevistados/as foram questionados/as sobre as atividades que os/as vinculam e participam na igreja, as respostas revelaram que 04 (quatro) dos/as entrevistados/as possuem cargos na denominação religiosa a que pertence.

[...] Círculo de oração, fui consagrada missionária e outras coisas, o que aparece na igreja para fazer (Dandara).

[...] Ministro aulas na escola bíblica, culto da disciplina ensinamentos não é, culto de adoração a Deus, sou diácono da minha igreja (Crispim)

[...] Círculo de oração, faço parte da comissão, dirigente das crianças (Luísa)

[...] Só eu participo da união feminina e sou... e como é meu Deus...eu tenho um cargo na igreja de contar dízimos e oferta, tesoureira (Tereza)

Os demais apontam as atividades que participam como membros e que são vinculadas ao cotidiano dessas denominações que os tornam mais próximos de Deus e dos demais membros da igreja. Com isso acabam tendo uma vida social ativa, participativa, dentro desse grupo. As atividades citadas por todos os/as entrevistados/as são relacionadas a sua própria dedicação espiritual, na esperança de melhoria de suas condições de vida e de suas famílias.

É a construção da fé e de sua identidade religiosa, não havendo assim nenhuma remuneração, pois os mesmos são membros, ainda que tenham algum cargo dentro de sua denominação não recebem valor financeiro, pois o que fazem para a igreja é voluntário.

Nesse sentido, o tempo dedicado à igreja passa a ser prioridade, pois trata de estar mais perto de Deus e contribuindo de algum modo para sua obra aqui na terra. Deposita-se na fé e na crença a solução para as mazelas sociais, resultado de um processo de exclusão crescente da sociedade capitalista, sobretudo para a classe mais empobrecida. Desse modo, a religião e a igreja assumem o papel de controle de suas vidas, pois o sucesso e/ou fracasso passa a ser resultado de merecimento e obediência aos preceitos da religião. A reflexão é que se precisa passar pelos desafios do cotidiano em função das provações e não em função de um processo sócio histórico de uma formação social perversa e excludente.

Nessa linha de pensamento também se destacam as afirmações [...] Círculo de oração, faço parte da campanha evangelizadora, canto na comissão [...] Antonieta/[...]Só auxiliar[...]Abdias/[...] Círculo de oração, escola dominical, união feminina (grupo de mulheres) [...]Firmina.

Como se pode observar nos depoimentos todos/as relatam dedicação as atividades da igreja, isso faz com que elas se reúnam para que tenham uma vida social, que aprendam a conviver com respeito, que busquem ajudar o próximo espiritualmente, e outro lado quando estão na igreja é um momento de esquecer as dificuldades enfrentadas em seu dia a dia. É um alento, pois estar mais próximo de Deus traz esperança em dias melhores.

Diante disso com o andamento das entrevistas, compreendendo a importância da identidade da comunidade e sua conexão com a religião, se fez presente outra grande inquietação: mas o que fica das religiões de matriz africana para os/as entrevistados/as e suas famílias?

Oliveira (2015) fala que a Igreja Evangélica Brasileira se convencionou que tudo que tem origem africana é uma coisa demoníaca. Sendo assim, há exceções dentro das próprias instituições, há aqueles líderes que defendem a culinária, a música e outros aspectos de forma a valorizá-los. Porém são poucos, pois em sua maioria os líderes dessas denominações demonstram preconceito exacerbado quando se referem a África e seus costumes. Explicando este comportamento, o mesmo retrata que quando a intenção é missionária tudo é belo, como as roupas, a música, a espiritualidade, são atributos a serem admirados, referindo-se aos negros da África e quando todo este contexto é encontrado em território brasileiro, ou seja, os negros brasileiros (que tem consciência de suas origens) a forma de ver estes atributos passa a ser algo errado e pecaminoso.

As igrejas pentecostais clássicas trazem consigo e em sua liturgia uma aproximação com ritmos oriundos dos negros americanos, exemplo disso são as músicas que se aproximam do jazz, o soul, o blues, por estes motivos quanto aos ritmos brasileiros de matrizes africanas eles mitificam como uma música que suscita pensamento e ações que vão contra as pregações das igrejas e os costumes que as mesmas propagam (OLIVEIRA, 2015).

O autor supracitado afirma ainda que muitas das denominações pentecostais quando se refere as origens dos negros brasileiros, as mesmas buscam o esquecimento desta origem para que não haja nenhuma discussão dentro do meio de suas instituições, e com isso não apareçam revoltas e rompimentos profundos pois as mesmas tem como ensinamento que não há desigualdades.

Considerando esses elementos apontados por Oliveira (2015) entrevistados/as foram questionados sobre sua avaliação no que se refere as religiões de matriz africana. Logo foi observada a dificuldade para obtenção de respostas quando foram questionados/as. Constatou-se também um aparente receio das pessoas em responder, a sensação de desconforto era visível diante da pergunta, expressavam vergonha de se expor ao falar de tais religiões, como se fosse algo errado.

Por este motivo se fez necessário fazer a pergunta de forma mais branda, seja pelo que eles/as tinham conhecimento da religião, se em algum momento eles/as tinham frequentado e/ou já tinham feito parte, mais o que eles pensavam dessas religiões que faz parte da cultura dos quilombolas que ali viveram. As respostas obtidas retratam o receio e por outro lado uma falta de conhecimento dos entrevistados/as ao que se refere às origens e costumes nos quilombos, mesmo

compreendendo que a identidade de um povo não está intimamente ligada apenas ao aspecto religioso. Os relatos a seguir trazem indicações da dificuldade em falar das religiões de matriz africana.

[...] eu penso assim porque lá na África eles tinham esse costume né? e pra gente aqui, a gente acha um pouco diferente[...]porque pode ser que eles tinham a forma de adorar Deus de outras formas e a gente não entende[...]muitos veio de lá não podia ir pra igreja...aí eles viram uma forma de adorar a Deus...na palavra, na prática pra nós a gente vê que está errado, que a nossa igreja não aceita tá entendendo...na Bíblia não tem o que eles fazem e talvez a forma deles adorar a Deus a gente também não entende (Dandara).

Ainda sobre a ideia do autor referente a dissociação das igrejas pentecostais quanto as tradições africanas, o mesmo relata que tudo que é de origem dos negros africanos e guardam semelhanças com aspectos advindos da África devem ser substituídos por elementos de outros lugares, enfatizando que esses costumes, tradições culturais e religiosas não são reconhecidas como divino e sim profano e vai contra o que diz a Bíblia. O relato de Antonieta traduz esse processo:

[...]Jeu não acho bonito não, esse negócio que não vem de Deus, não vem de Deus não é bom, não agrada a Deus, essas coisas de Umbanda (Antonieta)

Dando continuidade acerca das considerações de Oliveira (2015), a demonização da cultura negra africana brasileira feita por algumas denominações pentecostais, que atribui como algo feio, concluindo ainda que a liturgia com elementos de matriz africana sugeriria uma aproximação com os cultos afro.

[...] É acho interessante que as danças africanas é até sensual né? Que de certa forma encanta seus parceiros uma dança afrodisíaca, é uma dança que tem muito a ver com deuses[...] como diz a palavra de Deus, tem boca mais não fala, tem nariz e não cheira, tem olhos e não ver, tem ouvido e não ouve[...]são imagens[...]Deus sempre tem ciúme, tem zelo, tem cuidado, todo ser humano da terra, todos que ele criou pra servir, realmente, prostrar-se, adorar-se as pessoas terminam indo pra outro caminho, não discrimino e respeito muito bem certo[...]. Crispim

Embora o depoimento do entrevistado enfatize o esforço em respeitar as religiões de matriz africana, o mesmo apresenta elementos que favorecem o julgamento da prática religiosa, na medida em que destaca que tais religiões não são corretas pois, segundo ele, chama atenção a idolatria de imagens. Deste modo, revelou-se portanto, o desconhecimento sobre o uso das imagens nas tradições religiosas de matrizes africanas, uma vez que, o destaque dado pelas denominações pentecostais sobre essa prática, são os aspectos negativos relacionados aos rituais religiosos como algo pertencente às questões de ordem demoníaca.

Contudo, Oliveira (2015, p. 91) retrata a forma de como é visto os costumes de origem africana pelas Igrejas no Brasil, fazendo uma distinção entre os negros da África com os negros brasileiros.

Notamos que na igreja evangélica brasileira, é que tudo que vem de matriz africana é coisa demoníaca. Na Igreja Brasileira, já se convencionou considerar “do diabo” tudo que tem origem na África. Obviamente, não é um pensamento único, pois há alguns líderes que não se cansam de defender a culinária, a música e outros aspectos da cultura africana. No entanto, a maioria dos líderes na Igreja do Brasil mostram grande preconceito quanto aos elementos culturais provenientes da África, que fazem parte direta da história dos negros brasileiros. É muito interessante ver a postura da igreja quanto ao assunto dos negros da África. Se a ênfase da conversa for missionária, os ritmos são magníficos, as roupas são belíssimas, a espiritualidade é admirável. Mas, quando se trata de falar dos negros brasileiros que têm consciência da origem africana e a valorizam com todos os seus elementos, a coisa muda drasticamente, a ponto de se tornar diabólico (OLIVEIRA,2015 p.91)

Os depoimentos abaixo salientam a necessidade de afirmação pela forma correta de praticar a religiosidade, impondo uma forma e/ou fórmula para a salvação. Esse processo, para Oliveira (2015), traduz na necessidade de deixar de viver em um mundo “profano” e o estímulo pela busca da santidade, que só será obtida no mundo “sagrado”. Para isso, é preciso deixar de lado atitudes que possam distanciar da vontade Deus, ou seja, deve-se buscar a santidade na mudança de hábitos.

[...]que cada um segue o que quer né? porque Jesus morreu para nos salvar todos né? [...]aquele que quer seguir a ele, aceita Jesus e os que não quer permanece onde está né? [...] mas eu acharia melhor que eles aceitassem Jesus (Luísa).

[...]Olhe como diz avó né? [...] religião não se discute, como falo, cada um pegue sua cruz e siga[...]como dizem, tem o livre arbítrio de escolher (Abdias).

[...]Eu respeito, mas não discuto, a decisão é deles (Firmina)

[...]minha opinião eu acho que cada um segue o que seu coração manda né? Também não sou muito assim não é certo...mais a gente não deve está criticando ninguém (Tereza).

Os depoimentos vêm carregados de resistência em fazer uma avaliação das religiões de matriz africana. Embora tentem deixar nítida a questão do respeito, que na prática observou-se uma desaprovação e uma necessidade de chamar atenção para importância de que não é o caminho correto. E nesse sentido, é importante salientar que no momento em que o gravador foi desligado, todos/as foram unânimes em afirmar que não tinham nenhum tipo de preconceito, que respeitavam os membros dessas religiões e que conviviam harmoniosamente com elas. Reafirmaram também o respeito e a não discriminação às pessoas que eles/elas conhecem e que fazem parte de religiões de matriz africana. Segundo os entrevistados/as, há uma

convivência respeitosa, embora as falas tenham se revelado carregadas de resistências, preconceitos e desvalorização das religiões em questão. O depoimento a seguir tenta enfatizar o esforço em respeitar a prática da religião na comunidade:

[...]não discrimino e respeito muito bem, certo. Tem na comunidade pessoas que fazem parte, tem amiga minha que pratica [referente a religião de matriz africana], então somente respeito ando junto, eles fazem parte da diretoria da associação, na qual sou secretário e voluntário e temos que caminhar junto, Deus não separa pessoas, as pessoas que se separam, então é que eu vejo.
(Crispim)

Verificou-se um esforço do entrevistado em apresentar elementos constituintes do respeito à prática religiosa que diverge da sua perspectiva sobre o assunto, entretanto, ao longo da pesquisa observou-se inquietações, desconfortos nas falas, expressões e resistência ao tratar da questão. A impressão foi contrária ao colocado nos depoimentos, ou seja, uma forte tentativa de invisibilizar, desvalorizar e negar a importância de outras práticas religiosas que não correspondem à expectativa pentecostal. Esse ponto é relevante na medida em que, há um esforço de negar uma memória vinculada à expressão cultural e construção da identidade de seu povo mediante a compreensão de que a história se traduz em algo feio.

Essa perspectiva abre espaço para questionar a satisfação dos/as entrevistados/a e sua religião. Dos 07 (sete) entrevistados/as, 05 (cinco) foram enfáticos/as ao responder que nada deveria ser mudado dentro de suas denominações religiosas, enquanto 02 (dois) entrevistados/as opinaram que deveria ocorrer a mudança, mas não aparente, que seja a doutrina, liturgia e como a igreja está organizada. Ficou claro que a mudança falada está relacionada ao comportamento das pessoas que as frequentam.

[...]você mudaria alguma coisa na sua religião?] Mudaria sim. Assim, tem coisa que a gente vê, que a gente mudaria...porque as vezes a gente tá na igreja, mas é como a palavra do senhor diz que tem o joio e o trigo (Dandara).

[...]Se eu pudesse mudar, mudaria o comportamento das pessoas, as vezes está dentro da matriz africana está fazendo errado, é evangélico está fazendo errado ou da igreja católica está fazendo errado. Ninguém muda ninguém, há um provérbio que fala que a mudança é uma porta que abre pelo lado de dentro (Crispim)

Quando esta mesma igreja passar a se incomodar e repudiar à discriminação, desigualdade social, distribuição desigual de renda que acomete nosso país, combater a desigualdade racial dentro e fora de suas instituições e, além disso, quando perceber que deve tomar partido nas questões sociais que afetam seus fiéis e a sociedade a qual ela está inserida, estará demonstrando um forte clamor da

grande população formada por ela e que pode inspirar mudanças profundas em nosso país (OLIVEIRA, 2015).

Conforme Oliveira (2015), a Igreja deve engajar-se não apenas tornando conscientes os seus fiéis quanto aos problemas enfrentados pela nossa sociedade, deve se colocar à disposição para a disseminação dos direitos a igualdade e oportunidade de todos.

Apesar da existência de várias igrejas na comunidade, as quais os moradores participam ativamente de suas atividades conforme demonstrou a pesquisa, os grupos formados para oração, escola dominical e a escola de ensinamentos, também poderiam inserir um momento de reflexão acerca dos seus direitos enquanto cidadãos/as segundo o que fala o autor supracitado. Buscar formas de apresentar e aproximar seus membros das questões sociais, tendo em pauta assuntos relevantes para os mesmos. Demonstrando assim que está aberta as demandas aonde estão inseridas e agir como transformadora da realidade não só espiritual, todavia da formação de cidadãos/ãs conscientes de seus direitos e de sua força de mudança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou inquietação inicial, referente ao que leva as famílias de comunidade remanescente de quilombo de um município da Mata Sul de PE a optar pela religião pentecostal? E teve como tema central as discussões acerca das religiões pentecostais e suas implicações para o cotidiano em comunidade remanescente de quilombo. Os resultados da pesquisa permitiram apresentar os seguintes apontamentos: existência de uma forte adesão as denominações pentecostais clássicas Igreja Batista e Assembleia de Deus na comunidade remanescente de quilombo pesquisada. Essa realidade tem se traduzido em mudanças nas expressões culturais e identitárias na comunidade, sobretudo no que diz respeito aos processos históricos da identidade religiosa que marcaram a vinda da população negra ao Brasil.

Observou-se que homens e mulheres da comunidade pesquisada têm se dedicado expressivamente às atividades da igreja, no entanto, são atividades sem remuneração. Essa realidade impacta no cotidiano das famílias, sobretudo para as mulheres que conciliam a responsabilidade das ocupações na igreja e os afazeres domésticos, assumindo tarefas similares em ambos espaços. O perfil socioeconômico das famílias entrevistadas é marcado pela baixa escolarização e qualificação profissional, esses fatores vêm a corroborar para que essas pessoas sobrevivam sob a dependência do programa “Bolsa Família” e o trabalho informal, sem perspectiva concreta de melhoria de suas condições de vida. Esse cenário coloca-as em condição de pobreza e vulnerabilidade social, que não se difere das outras comunidades remanescentes de quilombos em que tivemos oportunidade de acompanhar ao longo da execução do projeto SISAAN universidades.

A religião nas comunidades remanescentes de quilombos tem assumido um papel importante para as famílias, seja no sentido da purificação, como também da solução para as mazelas sociais vivenciadas no cotidiano delas. Passa-se então a construção de uma lógica em que a religião é a única forma de superar os desafios cotidianos impostos as famílias que vivem num território de extrema vulnerabilidade social, sobretudo no que diz respeito a garantia dos direitos constitucionais.

A presente pesquisa oportunizou vivências e aprendizados sobre as diferentes faces da produção do conhecimento, desde um aprofundamento teórico sobre o objeto de estudo, quanto a percepção da realidade cotidiana vista de perto, nesse caso, das

comunidades tradicionais remanescentes de quilombo no estado de PE. Enquanto estudante do Curso de Bacharelado Economia Doméstica tive oportunidade de alinhar a teoria, a pesquisa e a extensão. A experiência no ESO, e especificamente com a pesquisa também me permitiu constatar a forte influência que as denominações pentecostais têm exercido junto às comunidades remanescente de quilombo no estado. Esse processo, em alguma medida, tem distanciado as referidas comunidades tradicionais dos elementos constituintes de sua história, sobretudo os relacionados à religião e seus processos de valorização da identidade e cultura, seja pela falta de conhecimento ou pela negação, em função do conceito ou pré-conceito negativo construído em torno da percepção das religiões de matriz africana.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin Sued. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais (The conversion to Pentecostalism in traditional communities) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n22p396. **Horizonte**, [s.l.], v. 9, n. 22, p.396-415, 18 nov. 2011. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841.2011v9n22p396>. Disponível <researchgate.net/publication/307811574_A_conversao_ao_pentecostalismo_em_comunidades_tradicionalis_The_conversion_to_Pentecostalism_in_traditional_communities_-_DOI_105752P2175-58412011v9n22p396>. Acesso em: 15 out. 2019.
- AGEITEC (org.). **Árvore do Conhecimento**: território mata sul pernambucana. Território Mata Sul Pernambucana. 2013. Disponível em: http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/territorio_mata_sul_pernambucana/Abertura.html. Acesso em: 20 out. 2019.
- ALVES, Rubem. **O que é religião**. 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. 175 p. (Primeiros passos).
- BITTENCOURT FILHO, Jose. Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social – Petrópolis RJ; Editora Vozes 2003
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p. Tradução de Luciana de oliveira da rocha.
- DIAS, Z. M. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno Pentecostal - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n22p377. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 377-382, 11 set. 2011. Acesso em: 15 out. 2019.
- ELIADE, Mircea. **Sagrado e profano**: a essência das religiões. 4. ed. São Paulo: Wmf, 2010.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P.; WIESNER, Hillary Suzanne (Colab.). **Dicionário das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 342 p.
- FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 26, n. 1, p.106-115, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822014000100012>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000100012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 dez. 2019.
- GAARDER Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 315 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.

LIRA, Elizeu Ribeiro; RIBEIRO NETO, Olegário B. O território e a identidade quilombola: o caso da comunidade afrodescendente Mata Grande no município de Monte do Carmo – TO. **Revista Produção Acadêmica: NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS/ NURBA**, Tocantins, v. 2, n. 2, p.36-56, dez. 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/producaoacademica/article/download>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MATOS, Alderi Souza de. O Movimento Pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário – parte 2. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 2, n. 11, p.23-50, jun. 2006. Semestral.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 108 p. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

MORAES, Israel de Araújo. **História do Movimento pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: Cpad, 2016. 176 p.

MOURA, Clovis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 106 p. Disponível em: <https://regabrasil.files.wordpress.com/2018/10/os-quilombos-e-a-rebelic3a3o-negra-1986.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

NEVES, Abdiel Bibiano. **Dons e Talentos espirituais**. 2016. Disponível em: <http://barhuque.blogspot.com/2016/10/dons-e-talentos-servico-de-deus.html>. Acesso em: 09 ago. 2020.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo?** Viçosa Mg: Ultimato, 2015. 134 p.

PRANDI, R. Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião. In: CNBB. O itinerário da fé na 'iniciação cristã de adultos. São Paulo: Paulus, 2001.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 4, n. 8, p.151-167, jun. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71831998000100008>.

PRANDI, Reginaldo. Sobre as religiões afro-brasileiras (About Afro-Brazilian Religions) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n29p10. **Horizonte**, [s.l.], v. 11, n. 29, p.10-12, 27 mar. 2013. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ROCHA, Gabriela de Freitas Figueiredo: A territorialidade quilombola ressignificando o território brasileiro: uma análise interdisciplinar », *e-cadernos CES* [Online], 07 | 2010, posto online no dia 01 março 2010. Acesso em 12 janeiro 2020.

RODRIGUES, Jeyson Messias. A construção de identidades religiosas plurais em face da globalização e da individualização do sagrado. In: III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, 3. 2016, Recife. **Anais [...]**. Recife: Editora Unicap, 2017. p. 317-324. Disponível em:

<http://www.unicap.br/ocs/index.php/cncrt/cncrt/paper/view/256>. Acesso em: 15 out. 2019.

SEPPIR. (2005). *Programa Brasil Quilombola*. Brasília, DF: Autor. Acesso em 20 de outubro 2019.

SILVA, George; MELO, Sayonara Figueroa Bezerra de. **Análise Religiosa e Cultural das Comunidades Quilombolas na Atualidade**. 2011 In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. P.1371 a 1384 ISSN: 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria>. Acesso: 11 jul. 2019.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa Mg: Ultimato, 2004. 152 p.

APÊNDICE

Apêndice 1 - Roteiro de entrevista

| Universidade Federal Rural de Pernambuco | | |
|--|----------------------------------|-----------------------------|
| Departamento de Ciências do Consumo – Curso: Economia Doméstica | | |
| Identificação do Entrevistado | | |
| Idade: | Raça/cor: | |
| Escolaridade: | Estado civil: | |
| Quantidade de pessoas no domicílio: | Quanto tempo mora na comunidade: | |
| Tem filhos/as? | Quantos/as? | Idade? |
| Estimativa de renda familiar? | | |
| De onde vem a renda da família? | | |
| Acessa a bolsa família? () sim () não se não, por que? | | |
| Qual a sua Religião? | | Tempo que congrega a mesma? |
| Quais os motivos que levou você a se vincular a sua religião? | | |
| Quanto tempo você dedica diariamente para as atividades relacionadas à sua religião? | | |
| Quantas pessoas da família são da mesma religião que você? | | |
| Quais os motivos que os/as fizeram a se vincular a religião? | | |
| Quais as atividades que você participa quem tem vinculação a sua religião? | | |
| O que você mudaria na sua religião? | | |
| Qual sua análise da religião de matriz africana? | | |

Anexo
Anexo 1 - Carta de Anuência

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Carta De Anuência

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) Clarice Andrade de Melo Souza, a desenvolver o seu projeto de pesquisa de monografia: que está sob a coordenação/orientação do(a) Prof. (a) Michelle Cristina Rufino Maciel cujo objetivo é analisar as implicações do pentecostalismo na dinâmica diária das famílias remanescente de quilombo da Mata Sul do estado de Pernambuco.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Local, em ____/____/_____.

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal Rural De Pernambuco **Termo De Consentimento Livre E Esclarecido**

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Diagnostico de Segurança Alimentar e Nutricional nas comunidades quilombolas do estado de PE, com o subtítulo Comunidades remanescente de quilombo e cotidiano, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Clarice Andrade de Melo Souza, endereço Rua cidade do Porto, 260 –Iputinga Recife –PE CEP:50.690-620 fone (81) 997383007. E está sob a orientação da prof.^a Michelle Cristina Rufino Maciel, professora da UFRPE, telefone 988756484 email:michelle8maciel@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa busca analisar as implicações do pentecostalismo na dinâmica do cotidiano das famílias pertencentes a comunidade remanescente de quilombo da Mata Sul do estado de Pernambuco, será realizada mediante entrevista gravada para coleta de dados com subsídio de roteiro de entrevista semiestruturado.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa como: gravações, entrevistas e fotos, ficarão armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de no mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50.740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

(Assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo: Implicações do pentecostalismo na dinâmica do cotidiano das famílias pertencentes a comunidade remanescente de quilombo da Mata Sul do estado de PE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.